



ENTREVISTA

ENTREVISTA

PROF. MANUEL CORREIA DE ANDRADE

Anete Marília Pereira*

Marina de Fátima Brandão Carneiro* *

Manuel Correia de Andrade, 80 anos, é um dos geógrafos mais conhecidos e respeitados do Brasil. Nasceu em um engenho pernambucano, o Jundiá, em Vivência, onde passou sua infância e mocidade e iniciou sua formação educacional. Em Recife, concluiu os estudos secundários e superiores (Direito, História e Geografia) e, no Rio de Janeiro e Paris (França), fez os cursos de pós-graduação em Economia.

É professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco, doutor “*honoris causa*” pela Universidade Federal de Alagoas e pela Universidade Católica de Pernambuco, além de ser pesquisador emérito da Fundação Joaquim Nabuco (PE) e membro do Conselho Científico do IPESPE e do CNPq. Tem escrito sobre temas que navegam pelo universo da Economia, da História, da Sociologia e da Geografia, e colabora em revistas especializadas e em jornais, além de participar de numerosos congressos nacionais e internacionais, principalmente nas áreas de Geografia e Ciências Sociais.

É autor de, entre outros livros, *Paisagens e problemas do Brasil* (5ª ed., Brasiliense, 1968), *Espaço, polarização e desenvolvimento* (5ª ed., Atlas, 1987), *O Sertão Sul* (SUDENE, 1984), *A Terra e o Homem no Nordeste* (5ª ed., Atlas, 1986, traduzido para o inglês, 1980), *Geopolítica do Brasil* (Ática, 1989), *Imperialismo e Fragmentação do Espaço* (2ª ed., Contexto, 1989), *O Brasil e a América Latina* (Contexto, 1991), *Caminhos e descaminhos da Geografia* (Papirus, 1989), *Geografia Econômica* (11ª ed., Atlas, 1992), *Uma Geografia para o Século XXI* (Papirus, 1994), *A questão do território no Brasil* (HUCITEC – IPESPE, 1995), *As raízes do separatismo no Brasil* (Editora da UFPE, 1997), *A Geografia e a Questão Social* (Editoras da UFPE e da UFAL, 1997).

* Professora Assistente do Departamento de Geociências da UNIMONTES, Mestre em Geografia pela UFMG.

** Professora Titular do Departamento de Geociências da UNIMONTES, Mestre em Geografia pela USP.

1 – Para começar, o Senhor poderia falar um pouco sobre a sua origem, sua trajetória de vida?

Nasci em um engenho de açúcar, o Jundiá, no município de Vicência, ao Norte de Pernambuco, onde vivi a minha infância e mocidade. Como sou da primeira metade do século XX, ainda alcancei uma sociedade patriarcal, em que o senhor de engenho dispunha de muitas terras e o engenho tinha uma pequena capacidade industrial, permitindo que os trabalhadores do engenho, chamados de “modorados”, dessem dois ou três dias de serviço ao proprietário por semana, e dispusessem de sítios de aproximadamente um ou dois hectares, para cultivar lavouras de subsistência e criar pequenos animais. O engenho produzia açúcar mascavo e aguardente, que eram, em grande parte, vendidos a tropeiros – em Pernambuco chamados de matutos – que vendiam a produção no Agreste e no Sertão.

Como filho do proprietário, eu fui destinado a estudar no Recife, inicialmente em colégios particulares, sob regime de internato e, posteriormente, cursei a Faculdade de Direito – 1941 a 1945 – quando me bacharelei em Ciências Jurídicas. No mesmo período, foi aberta no Recife, pelos jesuítas, uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na qual fiz o curso de Geografia e História, de 1943 a 1947.

Formado, tentei exercer as duas profissões, mas em 1952, abandonei a advocacia e me tornei apenas professor de Geografia e História. Naquele ano, convidado, entrei para a Universidade do Recife, hoje Federal de Pernambuco, como professor assistente de Geografia Física. Em 1958, passei a ministrar as aulas de Geografia Econômica na Faculdade de Ciências Econômicas, onde fui promovido a professor adjunto e, em 1966, após concurso de Cátedra, a professor Catedrático. Voltei ao Departamento de Geografia em 1975, por ocasião da reforma universitária, organizei e coordenei, por três anos, o curso de mestrado em Geografia. Aposentei-me em 1984. Tudo isso se encontra no livro *O Fio e a Trama*, publicado agora em 2002, pela Fundação Joaquim Nabuco e pela UFPE, nas comemorações do meu 80º aniversário.

Diante da disputa de espaços na Geografia brasileira, tive uma postura polêmica, face a minha posição nacionalista e marxista, provocando grande discussão com o aparecimento dos meus livros *A Terra e o Homem no Nordeste* e *Paisagens e Problemas do Brasil*. Posicionei-me, com unhas e dentes, contra a chamada “revolução” quantitativa, contra a qual escrevi numerosos artigos, publicados em revistas geográficas como o *Boletim Paulista de Geografia*, e com a chamada Geografia Crítica, assumi posição também crítica. Também apoiei o movimento de defesa do meio ambiente nos anos noventa.

Paralelamente à minha ação como professor de Geografia, desenvolvi atividades

políticas e administrativas, tendo sido preso e perseguido pelo golpe de 1964, quando tive que me afastar do país, passando um ano em Paris. Após minha aposentadoria, lecionei como visitante em São Paulo (1986 a 1987) e em Santa Catarina (1988). Em seguida, passei a trabalhar na Fundação Joaquim Nabuco.

2 – Quais foram as principais influências recebidas durante a sua formação geográfica?

Ao assumir a profissão de geógrafo, eu trouxe uma boa formação filosófica típica dos estudantes de Direito, concentrando a minha base filosófica na dialética hegeliana-marxista, não só face às leituras feitas dos clássicos filósofos europeus, como da convivência que tive com Caio Prado Júnior, que era um marxista bem liberto de preconceitos, considerando o marxismo mais como um método do que uma doutrina. Acho que a leitura de suas obras é fundamental para todos os estudiosos brasileiros de Geografia e de História. Também fui muito influenciado por Gilberto Freyre, que é profundamente dialético em suas proposições e na posição de suas idéias, embora não se possa considerá-lo como marxista. Outro mestre que teve uma grande influência na minha formação foi Pierre Mombeig, quer nas aulas que ministrou no curso de Altos Estudos Geográficos da então Universidade do Brasil quer na França, em 1964/65, quando foi meu diretor de estudos na Universidade de Paris.

Na minha vida cultural, dediquei grande parte do meu tempo à leitura, tanto de livros específicos de Geografia como de Filosofia, de Ciências Sociais e de História. Minhas posições são transdisciplinares e, entre os meus trabalhos, há os especificamente geográficos, ao lado de trabalhos que são considerados de Economia, de História e de Sociologia.

Dentre os temas que me entusiasmaram e me fizeram estudar e escrever podemos salientar a questão regional, a identidade nacional, o problema da necessidade de realização de uma reforma agrária e das relações entre o meio rural e o urbano, os aspectos geopolíticos ligados ao problema da existência de uma confederação ou de uma federação brasileira, as questões teóricas em Geografia e a importância da projeção brasileira e de sua influência na América do Sul, no Caribe e no Atlântico Sul.

3 – Após muitos anos se dedicando à pesquisa e ao ensino de Geografia, o Senhor tem influenciado e servido de exemplo para vários estudantes e profissionais. Atualmente, quais as atividades que o Senhor vem desenvolvendo?

Continuo a desenvolver as minhas atividades na pesquisa uma vez que estou praticamente afastado do ensino superior regular. Neste setor, apenas oriento e examino dissertações e teses de pós-graduação, ministro palestras e conferências, quando convidado e, escrevo. Minhas preocupações centrais são a questão agrária,

a questão regional e a geopolítica, face às transformações provocadas pelo processo de globalização.

4 – Alguns autores da atualidade afirmam que a questão regional vem perdendo importância diante da complexidade do mundo globalizado. Sendo um pesquisador bastante ligado aos estudos regionais, o Senhor concorda com essa idéia?

No que tange à minha opinião a respeito dos problemas de regionalização, acho que ela continua a ter grande atualidade, o que se observa na maioria dos continentes hoje nas escalas as mais diversas. O que ocorre é que os acontecimentos que atingem o território e a sociedade são cada dia mais intensos e mais complexos, trazendo impactos nos estudos regionais assim como nos demais setores do conhecimento. Cabe ao geógrafo acompanhar os acontecimentos e as posições, para não ser suplantado pelos mesmos. Foi o que eu demonstrei faz alguns anos em livro publicado sobre “As Raízes do Separatismo no Brasil”.

5 – Há um debate, já bastante duradouro, acerca da crise da Geografia, ciência, hoje, marcada por um certo ecletismo. Qual a sua opinião sobre essa questão?

A meu ver, a Geografia brasileira que se desenvolveu a partir da década de trinta, com a fundação da USP e da UDF, foi, inicialmente, uma área de grande influência francesa. Essa influência substituiu a velha influência alemã, de Ratzel, dominante, sobretudo, nos anos vinte e trinta, com grande interesse pela geopolítica. Após o golpe de 64, passou a haver uma maior influência anglo-saxônica na Geografia como nas demais ciências sociais e se procurou desvincular o social do desenvolvimento econômico. O importante deixou de ser “desenvolver melhorando as condições de vida da população, por desenvolver apenas fazendo o crescimento da produção do PIB, sem preocupações com a qualidade de vida do povo”.

Em seguida, nos anos oitenta, surgiram, ou melhor, desenvolveram-se as atividades críticas e formou-se uma reação geralmente chamada de Geografia Crítica, em que se passou a ter uma maior preocupação com o social e o ecológico, e se incorporaram princípios dialético-marxistas à análise geográfica. A queda da União Soviética e a ascensão da dominação americana sobre o mundo, trouxeram uma volta à eliminação de preocupação social nas ciências do homem e, conseqüentemente, na Geografia, fazendo com que fortes correntes se voltassem à linha da Geografia chamada quantitativa. Hoje, podemos admitir que há uma pluralidade de posições nas ciências geográficas.

A meu ver, a crise da Geografia é parte da crise da sociedade em que vivemos, e a necessidade mais urgente é que o estudioso se liberte dos cânones do positivismo

contiano, que considera o conhecimento científico dividido por linhas rígidas, colocando cada disciplina dentro de uma gaveta. Chegamos ao momento de se limitar às especializações rígidas, e de se dar aos estudos um caráter de interdisciplinaridade, como se faz ao se usar a dialética hegeliana-marxista, bem expressa no Brasil na obra de Caio Prado Júnior.

6 – Que “conselhos” o Senhor daria para um estudante que se inicia na Geografia num momento de crise brasileira e mundial?

Não sou muito de dar conselhos, mas faço algumas sugestões aos jovens iniciantes em Geografia: estudar, ler muito, tanto os livros como as revistas e jornais científicos em que se encontrem notícias e interpretações; procurar tomar orientação e partir para caminhos que lhes pareçam os mais corretos e não os que lhes são mais fáceis de percorrer, os mais pragmáticos; procurar apropriar-se de técnicas que facilitem o acesso ao conhecimento e à divulgação do mesmo, mas conscientizando-se de que as técnicas são apenas meios e não fins; manter a maior honestidade intelectual e não colocar a facilidade de ganhos materiais acima dos interesses da formação intelectual e científica. A atividade científica não é o espaço ideal para os aventureiros e oportunistas. Finalmente, enquadrar as suas metas dentro de objetivos mais amplos, sociais.

